PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2447-6838

EDIÇÃO Nº 1
ANO 1
ABRIL/2019

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Deus livre os escritores da canonização! A consagração do autor é como metê-lo no gesso e deixá-lo curar, mais ou menos o que Roland Barthes melhor definiu como "a morte do autor". A crítica literária é assim: uma necropsia impiedosa, com direito à exposição pública dos bofes autorais. Nós, aqui da Pixé, queremos continuar bem vivos a desafiar a nossa própria biografia. O que a literatura mais precisa não são de pódios de chegada, mas de linhas de partida. Sirva o presente editorial como um alerta: menos bustos de bronze, menos pedestais de mármore, menos púrpura cardinalícia na produção contemporânea. No mundo virtual, a existência é uma invenção; o espaço, uma ficção; o tempo, uma onipresença presente. Nós somos quem escolhemos ser. Acabou-se o tempo de definições terceirizadas.

Já foi o tempo que Belchior tinha razão: "minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo, tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais". O tempo servia para acomodar temperamentos, o enjoo do marinheiro de primeira viagem e o tesão do garoto com as revistinhas do Carlos Zéfiro. Não se fazem mais velhos como antigamente! Fazer literatura às margens dos grandes centros tem essa vantagem – não permitir que o escritor faça corpo mole. Hoje em dia, poesia vende! E vende muito! A nossa poesia não está oferecida a granel nas prateleiras das livrarias, mas no varejo das redes sociais. Vende-se poesia nos postes de rua, nos muros em branco e nas canecas de café. Vende-se poesia nos imãs de geladeira, nas bocas de profeta de rua e até nas cuecas samba-canção. Enfim, o poema desencarnou dos livros. Tchau e benção. Saravá!

Por tudo isso, a literatura contemporânea não reza no catecismo de nenhuma igrejinha, os movimentos viraram movimentações, os manifestos converteram-se em manifestações. Não queiram que os escritores prossigam com rituais do beija-mão ou gastem os joelhos nos antigos altares a flagelar o próprio estilo para alcançar a canonização depois da morte. O que não falta é santo com pé de barro. O grande lance é dar trabalho ao leitor e aos estudiosos. Enquanto eles vão com o caju, nós voltamos com a castanha. Certo mesmo estava Raul Seixas que não ficava parado no trono do apartamento com a boca escancarada, esperando a morte chegar. A nossa boca quer comer, quer beijar, quer morder e não quer calar.

Além do mais, a Revista Pixé não está aqui para matar a fome de ninguém. O nosso maior desejo é ouvir o ronco da barriga do leitor. No máximo, oferecemos pílulas de reposição poética, tratamento de longo prazo para não deixar a vida amargar. Aí está a nossa homeopatia literária: de letra em letra. No cardápio desta edição, a arte de Regina Pena está servida: fragmentada, pigmentada, encapsulada, pronta para explodir e virar borboleta. A artista alcança as cores de Gauguin, sem precisar ir tão longe para encontrar inspiração. Capta toda a luz de que precisa dessa nossa polinésia cuiabana. Portanto, coloquem os óculos escuros e boa leitura!

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Mario Cezar Silva Leite
8 Lucinda Nogueira Persona
10 Aclyse Mattos
12 Matheus Guménin Barreto
14 Eduardo Mahon
16 Stéfanie Sande
18 Marta Cocco
20 Lívia Bertges
22 Cristina Campos
26 Maria Regina Curvo Alvin Penna
30 Lorenzo Falcão
32 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
34 Edson Flávio
36 Walesca Cassundé
38 Lucas Rodrigues
40 Marilza Ribeiro
42 Odair de Morais
44 Rodrigo Maciel Meloni
46 Helena Weneck
48 João Bosquo Cartola
50 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral: Eduardo Mahon
Colaboradores: Aclyse Mattos, Anna Maria Ribeiro, Cristina Campos, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Helena Werneck, João Bosquo Cartola, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Rodrigues, Lucinda Persona, Marília Beatriz, Marilza Ribeiro, Mário Cezar Silva Leite, Mario Cezar, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Odair de Morais, Rodrigo Meloni, Stéfanie Sande, Walesca Cassundé.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Capa: Regina Penna

Mário Cezar Silva Leite

Aproximo-me dos 58 anos, muito perto mesmo, e é como o Nano disse para a Ritaca: o tempo não passa, o tempo fica. Por isso envelhecemos! Porque o tempo fica em nós. Então, 58 tempos residem em mim. Nesses tempos inventei muita coisa, criei outras muitas e assim fiz o seguinte: sou professor universitário; pesquisador/crítico de literatura e culturas contemporâneas; gosto de pensar também questões de identidades; por fim, vou tentando instituir-me como escritor. Mas nada muito sério. De resto, tudo tá valendo!

ESTILHAÇOS DE TODAS AS (DES)ORDENS: RECUERDOS DE MI ABUELA

(trecho do conto, livro ***Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em charla****** *)*

(Para ler ouvindo *Love is a losing game*, Amy Winehouse)

Os meninos florescem nos pontos de ônibus das ruas da cidade. E ficam assim meio que de entulho nas calçadas. Mas não é apenas erguer a mão e apanhá-los. Não. Pena que não, pena que sim. E mesmo que eu fosse só e apenas desejo, minhas mãos não os alcançariam. Vinte Ritaca! Vinte não, vinte e três pessoas. Entre elas a Reina e um garoto de dezesseis anos. Meu Deus, Nano. Foi. Triste, pela segunda vez a vida, o destino, a sorte ou, sei lá, o azar roubava-me tudo. Roubava-me a minha própria vida. Quando terminei a história, chegando exatamente ali no momento em que Vitor me acenava com o sanduiche, foi como um poderoso imã, joguei-me nos braços dele numa torrente de pranto de séculos, ele me acolheu nos braços fortes, me envolveu completamente e por fora de nosso abraço, no abraço maior, La Reina nos envolveu em seus braços. O abraço, o mais íntimo e completo contato entre a espécie. Pensamos que o sexo, o beijo na boca são os mais íntimos, mas não. A intimidade do abraço é de outra ordem, outra intenção, intensidade, dimensão. Todo e qualquer sexo, Ritaca, é masturbatório, nos masturbamos no outro. É sempre o nosso prazer egoísta. Mesmo se pensamos estar dando prazer ao outro. O abraço não. O abraço é a proteção, o abrigo do corpo do outro que se abre para você e te recebe numa completude, numa amplitude, num aconchego que é da espécie e não do indivíduo. O abraço é o carinho amoroso e solidário da garupa da bicicleta. Levar alguém na garupa de uma bicicleta é decretar seu amor à espécie. É nossa generosidade posta em jogo. Nada mais bonito. No abraço maior, La Reina nos envolveu em seus braços. Quando eu e a Alegria voltamos ao salão tudo estava destruído. Alegria Lovely. Nome mais do que encaixado numa pessoa. Alegria Lovely, um metro e oitenta e cinco de negro. Típico negão. Preto retinto, azul. Rosto forte, aquadradado, dentes brancos, nariz bem negroide mesmo. E bastava sorrir, falar, que se abria ali a pessoa mais doce, mais generosa, tolerante e amável que jamais existiu. Nunca um nome fez tanto sentido. Claro, não era nome. Nunca soube exatamente o nome dele. Dela era Alegria Lovely. Minha amada Alegria. Pessoas mortas por todos os lados, sangue, mesas e cadeiras reviradas, jogadas. La Reina estava caída mais ou menos no meio do salão, sandálias saltos altos saindo do pé, peruca torta na cabeça, olhos revirados para cima. Sobre ela, de joelhos no chão, o Vítor chorava e gritava. Aquela cena, aquele cenário de circo de horrores e os gritos do Vítor não me saíram nunca mais da cabeça. Um deles o Vítor matou ali na hora mesmo. Foram três. Brancos, jovens, classe média alta, se divertindo em um sábado qualquer à noite. Matando pessoas inocentes. O segurança tinha conseguido reagir e acertar um na perna com um tiro. Nessa hora mesma, o Vítor escapou de mim e da Alegria e voltou correndo para o salão atrás da Reina. Tomou o revolver do segurança e descarregou no moleque. Foi na hora. Justiça, Ritaca? Nesse país? Um bando de "veados"? Quem se importa? Os meninos florescem nos pontos de ônibus das ruas da cidade. E ficam assim meio que de entulho nas calçadas. Mas não é apenas erguer a mão e apanhá-los. Não. Pena que não, pena que sim. E mesmo que eu fosse só e apenas desejo, minhas mãos não os alcançariam. Vinte Ritaca. Vinte não, vinte e três pessoas.

Em fase de finalização. Aguardem, muito breve, nas melhores casas do ramo. Mas... se o encontrarem nas piores, casas do ramo, também tá valendo.

O SABOR DA CHUVA

Como se nada pudesse ficar a salvo
a tempestade se aproxima
alterando a vida
desejando almas
O vento pervaga vestido de terra
A rua fica deserta
Os trovões sacodem a nuvem toda
e sua escuridão despenca em água cristalina

Por voracidade à chuva
colo-me à vidraça
As mãos apaziguadas, espalmadas
As unhas rompendo a seca luz do vidro
O rosto achatado até os ossos
A boca aplastada
e a língua em sua angústia – de dizer

As palavras se arrastam como com sede

Num ajuste de intenções
o vidro entreabre seu íntimo ao meu modo disforme
(que estranha, esmagada mistura)
É de espantar o que ocorre
em movimentos vivos e manobras

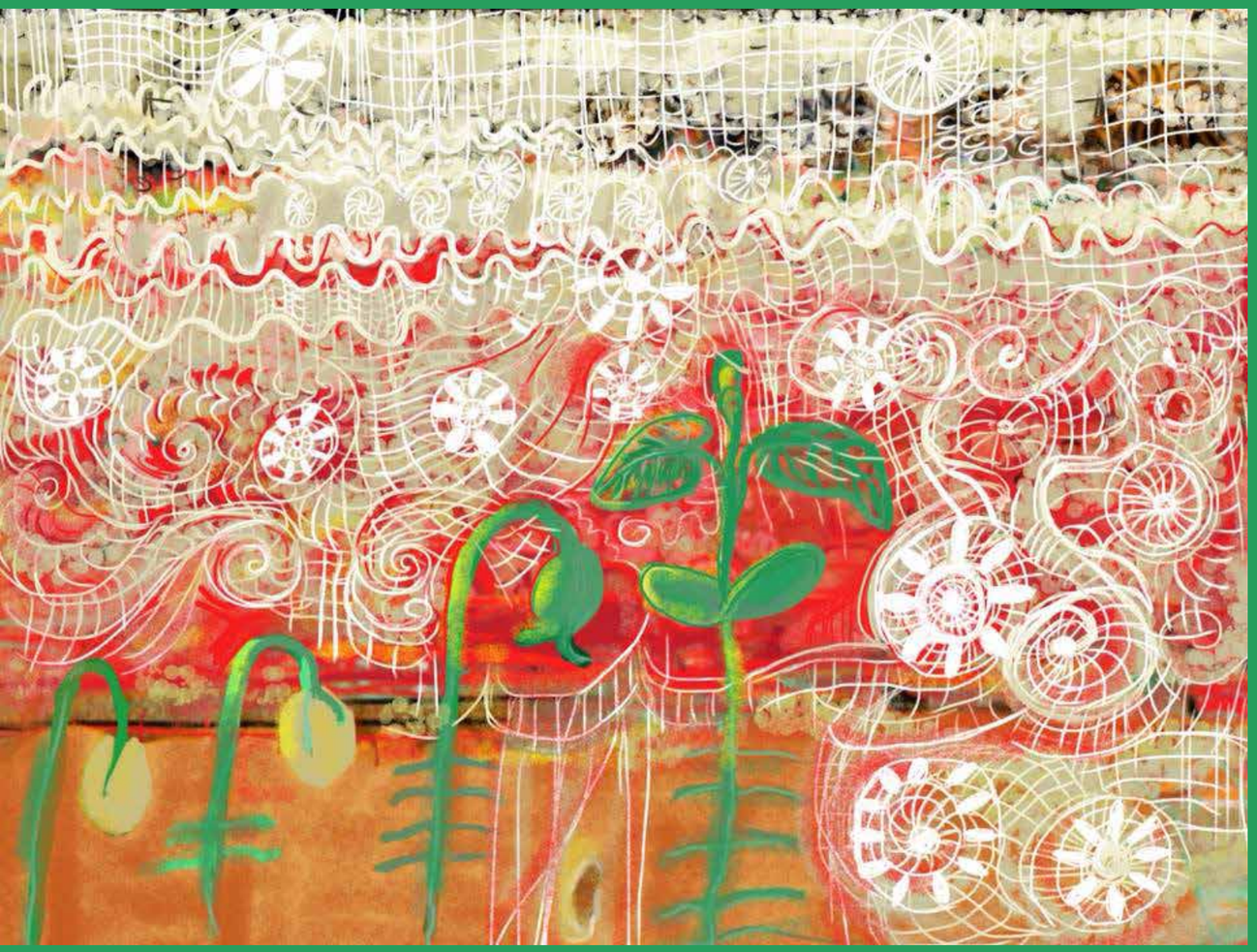
Quantas vezes não somos
faces de loucura
(meio-sorrindo
meio-chorando)
a lamber a chuva.

(Inédito)

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Ruídos. Fumaça. Ônibus chegando, ônibus partindo. E as incontáveis faces do anonimato. Fantasmas difusos na aridez das plataformas. Criaturas sonolentas nos bancos gordurosos. Estação rodoviária. Nuvens ácidas e azedumes. Vapores de frituras que nunca se desvanecem. Tensão crescente das esperas. Poder-se-ia falar numa manhã de poros entupidos, não fosse inútil a comparação. As nuvens, erguidas como clara em neve, em muito reduzem o azul do céu. Cândidos são os pombos misturados às formas reais, desfiguradas, ruflando sobre o piso sujo, despencando das traves e vigas empoeiradas. As revoadas fulminantes. Os pombos nunca serão conteúdo de valor incerto, nem imagens comuns nas poças de marasmo. Estação rodoviária, de vez em quando, atravessando meu caminho, consequência de um vertiginoso ir e vir pela cidade. Mais do que o edifício enorme, a recordação nasce da realidade. Terminal rodoviário, na trama do tempo, surgindo de repente num momento passageiro. Lugar sombrio de chegar e de partir. Um dia, ali, nossa despedida comum, superficial, sem desespero. Cada um de nós com um sorriso bem menor do que o necessário.

Lucinda Nogueira Persona
(escritora, bióloga e professora), nasceu em Arapongas, PR, em 11 de março de 1947. Vive em Cuiabá. É formada em Biologia pela UFMT e mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ. Já publicou os livros de poesia Por imenso gosto (1995), Ser cotidiano (1998), Sopa escaldante (2001), Leito de Acaso (2004), Tempo Comum (2009), Entre uma noite e outra (2014), além de publicações para o público infantil e colaborações para revistas, jornais e outros periódicos.



Aclyse Mattos
É poeta, escritor e professor na UFMT. Autor dos livros O Sexofonista (Carlini & Caniato, 2018 - contos), Festa (Carlini & Caniato, 2012 - poemas) e Quem muito olha a lua fica louco (Oficina Mínima, 2000 - poemas) entre outros.

AS BOTAS DE VAN GOGH

- Mamãe briga tanto
pra gente não deixar
o sapato fora do lugar
e aqui eles penduram
os sapatos na parede!

A NATA SEM O POVO NÃO É NATA

A nata sem o povo não é nata,
O povo sem a nata não é povo,

Mas se a nata os faz povo, sendo nata,
Não se diga, que é nata, sendo povo.

Em todo o Parlamento está Deus Povo,
E o povo busco e encontro só a nata!
Mas se no acaso a nata desidrata:
De qualquer nata sempre fica o povo!

Ao trisavô Gregório encontrando parte de um poema

TRÊS POEMAS DA SÉRIE "DEUS IN MACHINA"

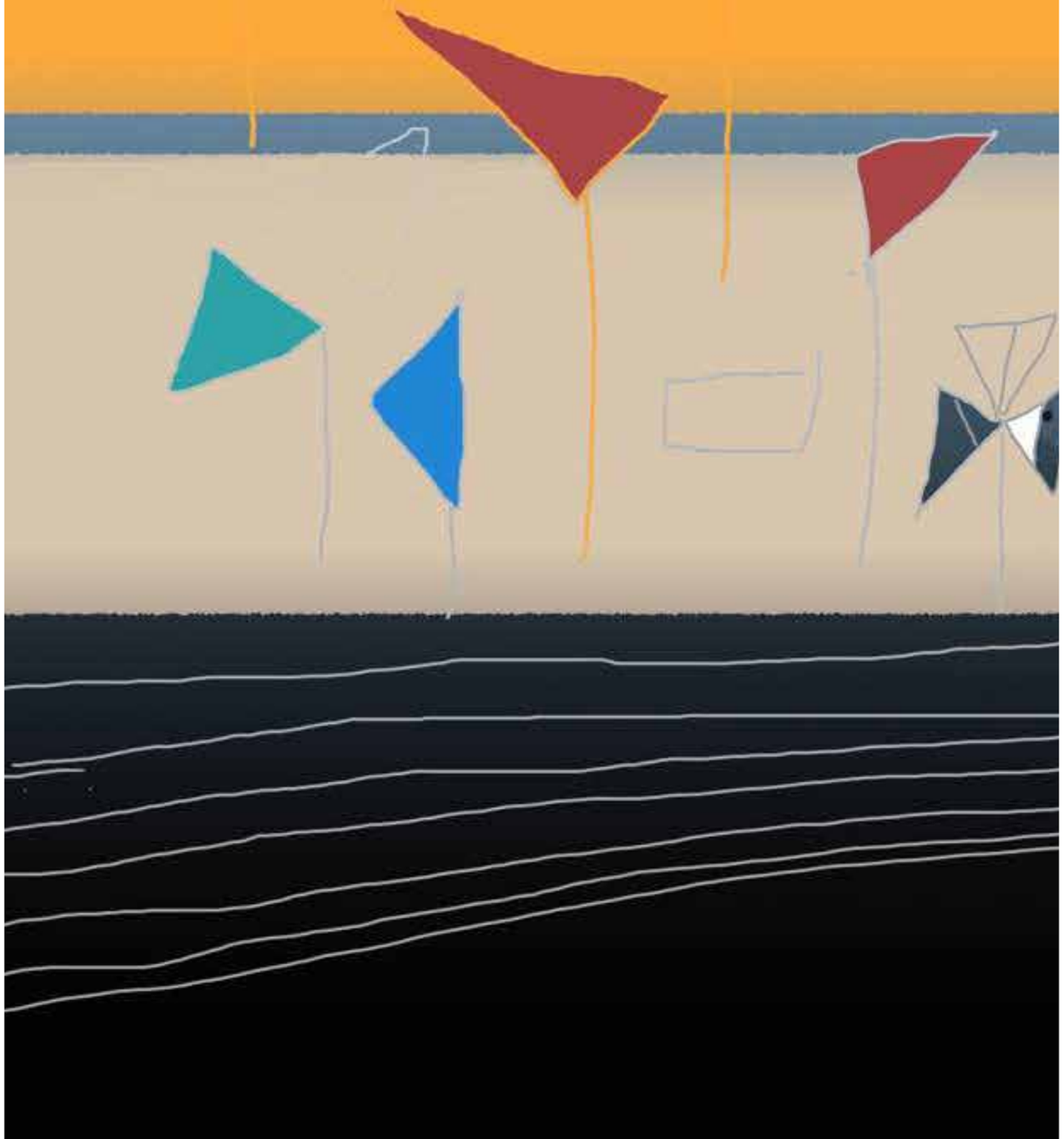
[Sem título]
intuir sua inexistência
nos gestos do irmão e do inimigo
igualmente
sua inexistência intuir na sombra
entre a fruteira e a parede
branca, intuir no silêncio respondido
e não
que é já tarde para haver

que é já tarde para haver,
que mãos demais bateram já no chão
que palavras demais travaram já na língua
e travarão

intuir tanto e de tantas formas
que não haver já não tem importância,
como o resto,
e a laranjeira segue ardendo, dourada.

*

Matheus Guménin Barreto
(1992) é poeta e tradutor mato-grossense. Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg. Publicou traduções de Bertolt Brecht e Ingeborg Bachmann. Encontram-se poemas seus no Brasil e em Portugal, e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne. É autor dos livros de poemas A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017) e Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018 – coleção Olho d'água).



[Sem título]
'eu sou aquele que sou'

e o chiar dos galhos, crepitar da chuva
é o que é, talvez,
se for. e o centro sempre movente
o centro em todo lugar
também o será,
se for. e o morno de mãos amorosas,
se houver, será também,
se for.

não sou aquele que sou
nem posso ser, e contemplo
extático de brasas
aquele que talvez seja,
se for.
*

[Sem título]
vazios o túmulo de clara pedra
os trapos claros
sob o testemunho da manhã.

ruge na rocha do sepulcro
a brisa
e anuncia que nada virá
nem ninguém.

***

Eduardo Mahon
Eduardo Mahon, 41, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

HIPO

Parado no viaduto engarrafado, o homem olhava com inveja o trânsito que fluía normalmente. Mas ali, na ponte estreita, não havia como ir para frente ou para trás. A duzentos metros de uma batida feia, amofinado esperou quarenta minutos. A ambulância gritava mesmo depois de chegar ao destino. O calor completava o cenário. Vamos com isso, quero chegar em casa! – reclamava Eduardo Marinho por entre os dentes. A depender do serviço de emergência, o sujeito morre aqui mesmo na pista, pensou. Nem por isso, adiantaram-se os guardas que plantaram os cones amarelos, nem os enfermeiros que imobilizavam a vítima. O atraso agravava o calor. Eduardo Marinho olhou novamente para baixo e viu um hipopótamo transitando com três pessoas na corcunda. Coçou os olhos e, com eles limpos, confirmou o desvario. O animal seguia num trote curto, oscilando sobre as delicadas patas, a balançar alegremente as banhas largas e as orelhas miúdas. O observador julgou que estivesse tendo uma miragem, daquelas que se veem no Saara, no Gabreb, no Gobi, ou seja lá onde haja deserto, calor e engarrafamento. Chegou em casa, bebeu água fria, tomou um banho demorado. Vai ser que eu estava desidratado, ponderou. No dia seguinte, tendo esquecido a intercorrência estranha, refez o mesmo caminho que ligava a cidade velha ao bairro novo, onde trabalhava. Ao passar pelo viaduto, viu ao lado do carro, outro hipopótamo deambulando devagar, dessa vez com dois adultos que conversavam alegremente sobre as costas arqueadas do bicho. Não é possível!, disse em voz alta como se acusasse o insólito num tribunal. Ficou com vergonha de contar aos colegas de trabalho. Naquele dia, fez o que qualquer corretor faz: ligou para compradores, para vendedores, brigou com uns, agradou a outros, fez visitas com clientes aos imóveis do catálogo e voltou para casa, ensimesmado com o delírio persistente. À mãe que ligou no princípio da noite, fez uma pergunta inusitada: a senhora tem reparado algo diferente no trânsito da cidade? Não reparei, está o mesmo inferno de sempre, disse a senhora. O caso piorou nos dias que se seguiram. Eduardo Marinho via hipopótamos em comboios, uns mordendo os rabos dos outros. Não só. Percebeu alguns ungulados enfileirados fazendo ponto para corridas rápidas, outros estacionados em frente a mercados e, finalmente, os maiores a ostentar tabuletas com horários de partida e de chegada. Estou louco!, acusou-se. Ruminou sozinho o problema para senti-lo por completo: se contar a alguém, serei internado, meu caso é gravíssimo. Certo ou errado, Eduardo Marinho constatou que os hipos andavam na cidade mais rápido do que os carros, usando de uma linha exclusiva à direita. Essa inovação, digamos assim, não resolvia o irremediável engarrafamento na cidade, sobretudo no viaduto que funcionava mesmo como um funil, incapaz de dar vazão à multidão de carros, motos e hipopótamos que vinham da cidade velha nos horários de pico. Para mim, chega!, Eduardo Marinho resolveu-se. Na sexta-feira, dia de trânsito crônico em qualquer horário, tomou o café, vestiu uma calça jeans desbotada e andou até ao ponto onde hipopótamos pastavam em fila. Por um instante, teve medo dos dentes enormes que os mamíferos expunham ao mastigar. No entanto, queria testar a nova forma de transporte e, se desse certo, louco ou são, era assim que iria trabalhar daquele momento em diante. Como é que vou me aproximar? Na ausência de condutor da mesma espécie, Marinho não viu qualquer indicação de como montar o bicho, se ele transportava uma ou várias pessoas, quanto seria a corrida ou de que forma iria pagar o transporte. Caminhando lentamente, chegou à esquina onde estava o bando e abordou o último hipopótamo da fila. Sem sucesso, porém. Para chamar atenção, deu pequenos tapinhas nas costas, cutucões no flanco, afagou o chifre, mas nada adiantou. O hipo fez cara de paisagem, até ter o rabo puxado pela incômoda insistência de Eduardo Marinho que viu o bicho parar de comer, virar a cabeça e dizer: que mal educado o senhor! Não vê que há fila?

I
Autobiografia

Alguns querem ser livres;
Eu quero ser livro.

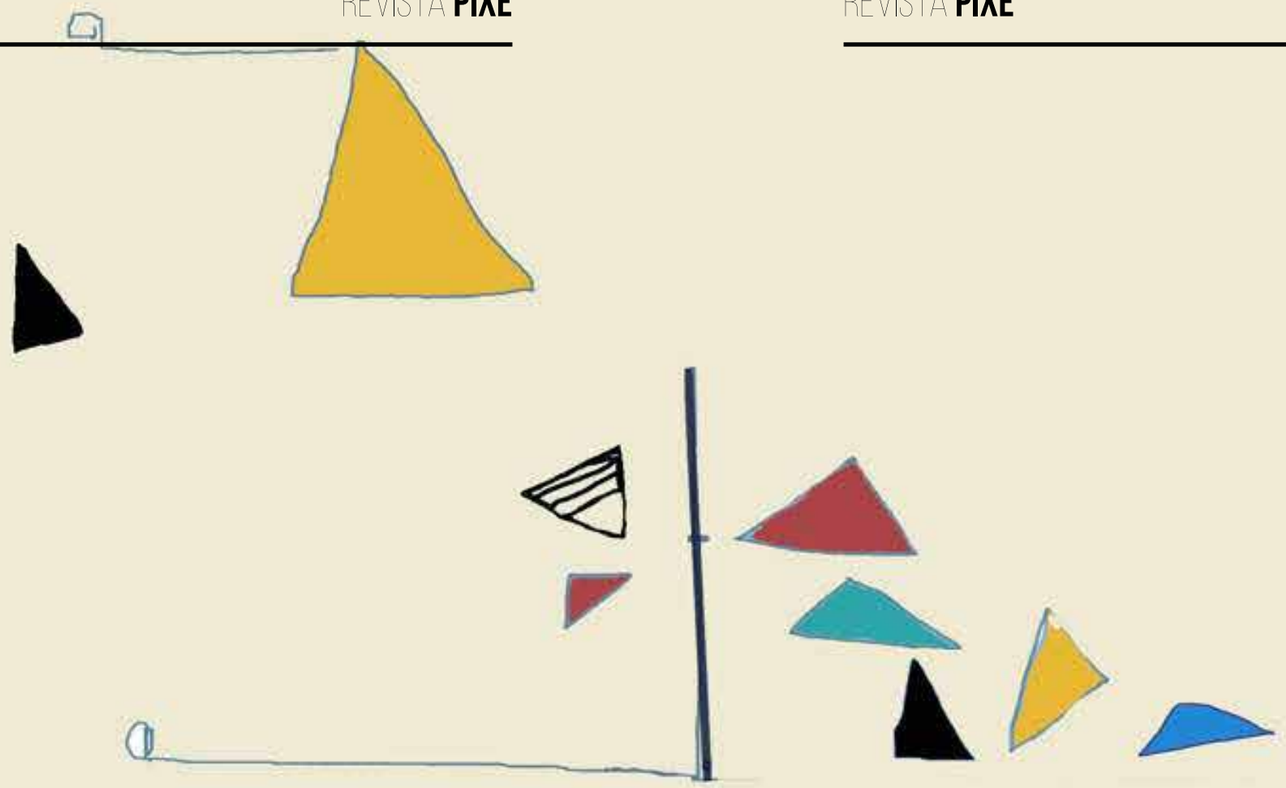
II
Da impossibilidade de ser

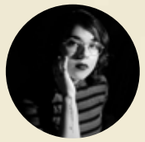
São todas as horas agora
e sempre assim porque
de noite
E nunca sei porque não de
dia
As coisas saem desordenadas
e causam desgosto
Se não saem
causam paralisia
Se eu pudesse viver sem escrever
eu viveria
Se eu pudesse morrer em branco
eu morreria
Se pudesse dizer só com sons
eu diria
Se eu pudesse apenas ser
eu seria

De resto
resta viver essa
impossibilidade
linha por linha
do dia à noite
e da noite ao dia

III
Escrita

Das coisas que importam
minha vida, não.
Enquanto indivíduo
Enquanto sedução
não.





Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Das coisas que importam
minha vida, somente
enquanto adubo
enquanto semente.

IV
Simbiose

O pássaro canta
no conforto de seu ninho
Enquanto a poeta
de casa
canta o passarinho.

V
Useless

A little ballad plays in my head
it says by now I should be dead

I play the strings and they make a
sound
they echo in my body and
all around

I look at the moon
and I look at the
stars
I run my fingers through my
scars
and then I wonder why
they gave me wings
that can not
fly

VI
Livre

E agora,
enquanto não puder ser humana,
ser livro.

Marta Cocco
É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino – UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

PAIXÃO

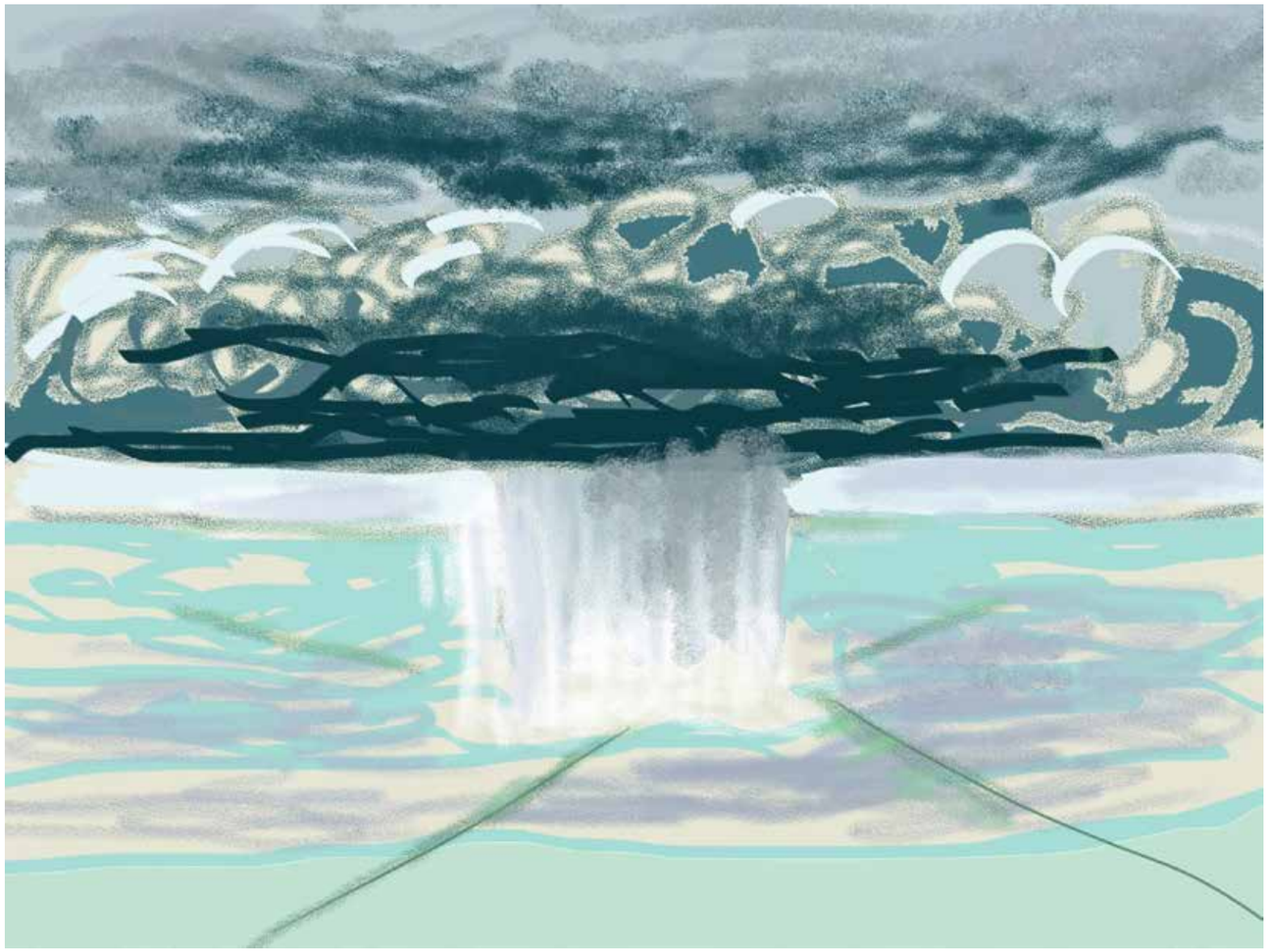
Da arte vem aquele
que expõe a julgamento
a sua alma.
Não há maior chance de
insolação
nem maior de hipotermia.
Isso acontece, de vez em quando,
com os filhos de Deus, das marias.
Aconteceu com Jesus,
no percurso para a morte,
quando, já soldado, na cruz,
disse a si mesmo,
em voz alta:
“se
não amardes
a quem não vos ama,
que recompensa tereis?”

DO QUE O AMOR É CAPAZ

sei pouco
do que o amor é capaz.
Hoje
ele me virou as costas e disse:
- se quiser, venha me agradar.
Tive vontade de mandá-lo às favas
mas, cheia de dengo,
abanei-lhe o calor
cafunezei seus cabelos.
E ele, manhoso:
- só porque eu reclamei não vale.
Antes de eu protestar, determinou:
- fica fora uma semana
aí você morre de saudade
e volta bonzinha.

EXTRATO

De acúmulos o fim de cada dia se sabe
mas jamais a que ponto chegaram
seus limites de ir e vir a ser.
Saberia qual sol
deixou menos e mais vestígios
no dorso das casas, das cascas?
Creio que não.
Reparo que a varanda da tarde
não coincide com a que se posicionou
para receber o primeiro calor.
Ao avaliar as promissórias
que o tempo tem jogado debaixo da porta
temo pelo arrefecimento dos desejos
que já não se importam
com o melhor canto
para se ter a lua
sem preço à vista.



Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) é doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

DESTERRO

Choro o grito.
Sussurro.
Os pés que não encostam no chão sonhado
no alento desejado
no abrigo sem teto.

Grito no sussurro.
Choro:
As mãos que se prenderam
nos caminhos da escuridão.
As famílias mutiladas e
recompostas ao acaso.

Choro, grito.
Esbravejo:
A dor dos mortos
a cada trinta minutos por dia
em um país de minha língua,
A dor sem escolha,
a dor sem colo.
A dor sem abraço que cruza os carros,
estica as mãos nas filas.
A dor de corpos em lágrimas secas
sem livro a ler.

Grito:
- Até quando?
Consegue-se suportar?

O poema é um suporte? Ele suporta?
Talvez chore.
Chore lágrimas-letras.
Chore palavras -esteios.

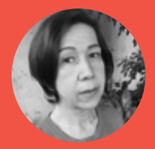
Choro ao grito – choro ao grito
Esbravejo.
Choro em grito – grito em choro.
Desespero. Sussurro.

LETARGIA

O cimo do nariz toca o pavimento.
Contornos brutos circundam unhas.
O tronco está estendido em superfície em-
bebida.
Escorrego, passo.

Sinais, línguas, tocatas: dois, dez, vinte pés
passam, escorregam.
A paralisia vibra em ecos.

O golpe visual
no poste é vela incolor.
O golpe visual inala, gela, aspira
escorrega e passa.
Vira ofício do mundo
na esquina.



Cristina Campos
Doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), Conferência no Cerrado (Tanta Tinta, 2008), Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas (Carlini & Caniato, 2010), O falar cuiabano (Carlini & Caniato, 2014), Bicho-grilo (Carlini & Caniato, 2016) e Papo cabeça de criança travessa (Tanta Tinta, 2017).

FLUTUAÇÕES DE UMA PENA QUE VOA AO ROMPER O CASULO

De 09.02 a 29.03.2019, a Galeria do Sesc Arsenal hospeda a exposição 'Metamorphosis', da artista plástica Regina Pena. De 400 trabalhos selecionados pela autora com o auxílio da curadora Ruth Albernaz, foram impressos e emoldurados 40; os outros são projetados em suporte digital, onde o apreciador pode contemplar, em **pixels** deslizantes, as séries que ampliam o que está nas paredes – brancas, do retângulo do espaço, e vermelhas, dos painéis móveis que criam um contraste interessante e valorizam as obras enquanto suporte. As 40 gravuras digitais foram produzidas em Tablet, com impressão FineArt sobre papel Hahnemühle. Há que mencionar também o importante estímulo e apoio da editora Maria Tereza Carrión Carracedo a esta fase de produção da artista.

Ao percorrer o sentido anti-horário propositalmente tracejado pelas obras, o observador se depara com uma mostra contendo 14 séries: Natureza (4 obras); Flutuação (3); Vasos (2); Vasos e Flores (1); Memória Afetiva (3); Lavadeira Beira-rio (4); Rendas e Bordados (2); Abstrações (1); Geométricos (1); Fragmentos (2); Mulheres (3); Sobre a Cegueira (4); Política (3); e Metamorphosis (9 obras, sendo 7 mais 2 ampliadas).

No início do percurso da exposição, há mais três obras de um período anterior de sua produção, constituídas por **assemblages** com madeira e gravuras, dos acervos da galeria Arto, Casa das Molduras e Maria Augusta Speller. Lembro-me de Regina, em Chapada dos Guimarães-MT, cercada por torres de madeiras-retalhos de molduraria e serralheria que constituíam parte da matéria-prima desses trabalhos. A casa inteira se tornava um laboratório artístico. Ela produzia febrilmente, movida por uma paixão avassaladora. Seu surto criativo era intenso, algo gostoso de acompanhar, pois, a cada semana, belas peças materializavam-se como que por mágica.

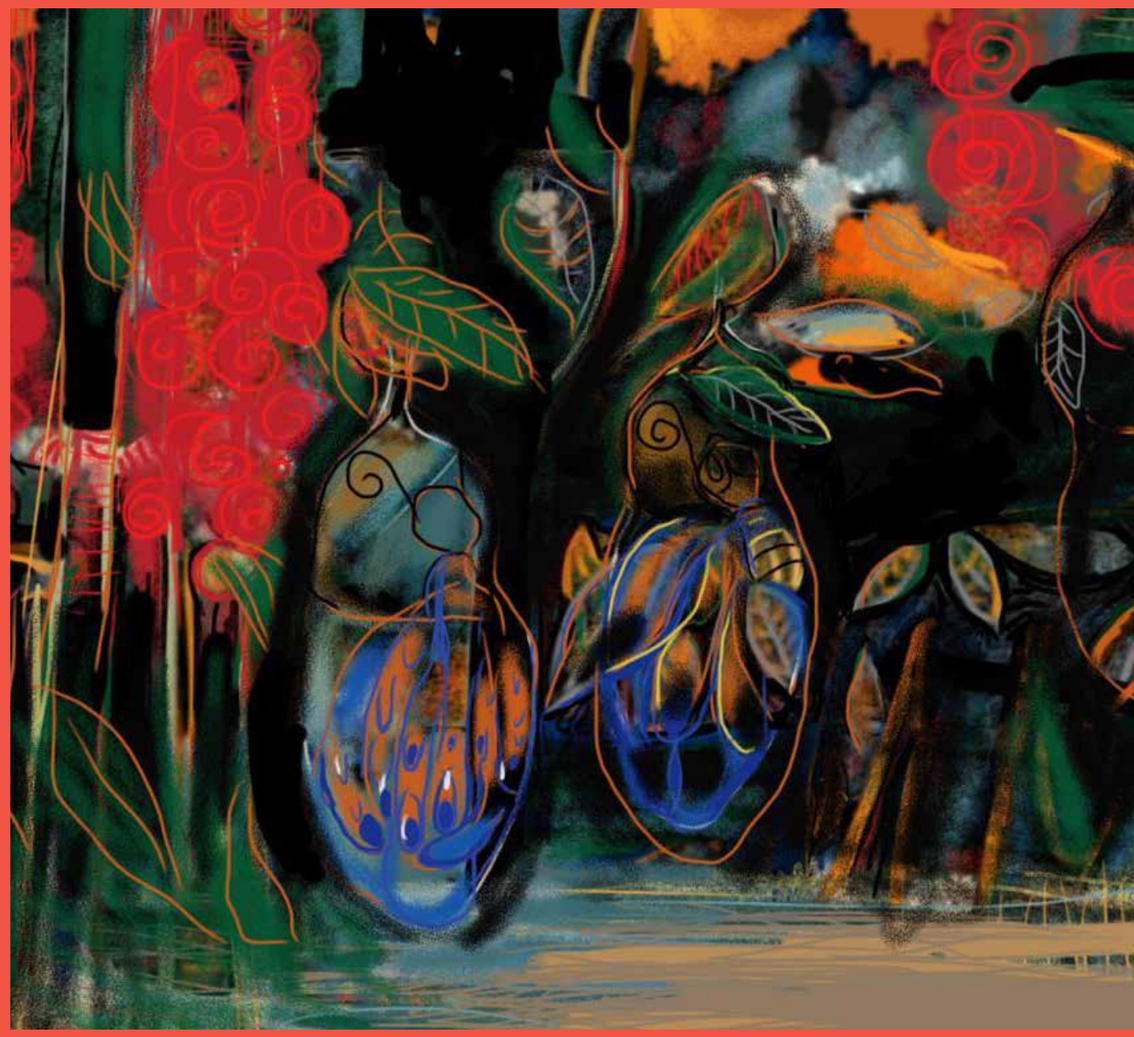
Nas paredes da galeria, também se encontram textos da curadora Ruth Albernaz e da crítica de arte Aline Figueiredo, além do poema 'O Ingazeiro', de escolha e autoria da própria Regina, que tem se revelado uma poetisa de mão cheia. Questionada sobre a presença do único poema na mostra, afirma que "ele também fala de transformação". Ei-lo:

O INGAZEIRO

Num território concreto
Um preguiçoso ingazeiro
Adolesceu seu tronco pendido
Justo a um palmo do chão
A cada estação do tempo
Debruçou-se mais lascivo
Feito um sinimbu num galho
Numa quebrada lunar
Em plena maturidade
Floresceu todo nevado
Apinhado de vazios
Antropofagia
Ante gesto tão generoso
Deleitou-se a guardiã de fronteiras

'Metamorphosis' é a metáfora que traduz, essencialmente, o recente processo de vida de Regina Pena que, acometida por esclerose múltipla, teve sua alma (liberta e sensual) gradativamente enclausurada (ou encasulada) no próprio corpo. No entanto, apesar da atual dificuldade de locomoção e coordenação motora, o Tablet propiciou-lhe continuar se expressando plasticamente, daí as centenas de gravuras digitais que nos surpreendem, pela beleza e criatividade.

Nota-se que as séries se comunicam, interpenetrando-se: a mesma energia que impulsiona a mão feminina a tecer fios amarra os casulos; mumifica alguns seres; cavuca a terra e expressa um grande amor pela Natureza, transbordante em formas, folhas e frutos; borda panos; amplia a realidade tridimensional de tal forma que a vira do avesso em fragmentos; passeia por tragédias envolvendo destruições do meio ambiente; registra cenas e paisagens regionais que sensibilizaram o imaginário da artista. Ao descascar as camadas da cebola-casulo, representa várias mulheres até chegar aos autorretratos, como que a buscar incessantemente se (re)conhecer em novas formas e romper de vez a crisálida, transcendendo-se: a semente germina, o casulo se rompe e o corpo se deixa, até flutuar em voo livre e mergulhar em fluxos interdimensionais.



Um traço estilístico marcante de Regina, digno de nota, é o modo como equilibra magistralmente as cores quentes e frias, escolhidas com elegância e carregadas de sensualidade. Sua paleta mostra quão madura a artista é. Chama a atenção o vermelho das flores que circundam os casulos, como sangue que brota e jorra num fluxo espiralado dos cortes na pele sensível das gravuras.

O amor pela Natureza suporta o conjunto da obra. Quem nela já viveu encostado, sobretudo na infância, pôde contemplá-la e certamente aprendeu a encarar com mais naturalidade os ciclos da vida, **mutatis mutandis**. É o caso da amiga.

Salve Regina!

BIOGRAFIA

Maria Regina Curvo Alvim Penna
(Cuiabá, MT, 1952). Pintora e objetista. Em 1972 frequenta a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, EAV/Parque Lage; em 1976 participa do I Salão Jovem Arte Mato-grossense, organizado por Aline Figueiredo e Humberto Espíndola. A partir de então, como profissional, participa de exposições coletivas, quando da início a novos contatos com Dalva de Barros, Gervane de Paula, Adir Sodré, Benedito Nunes,Márcio Aurelio, Jonas Barros , Alcides e tantos outros grandes nomes das Artes Plásticas de Mato Grosso.

FORMAÇÃO:
1972 - Frequenta a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, EAV/Parque Lage;
1974 - Recebe orientações de Humberto Espíndola e estuda história da arte com Aline Figueiredo;
1976/1981 – Frequenta o Ateliê Livre da Fundação Cultural e Ateliê livre do Museu de Arte e Cultura Popular da UFMT;
1996 – Gradua-se em Psicologia.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS:

1976 – I Salão Jovem Arte Mato-grossense, Fundação Cultural, Cuiabá, MT;
1976 – Mostra Estadual, MACP, UFMT, Cuiabá, MT;
1979 – IV Salão Jovem Arte Matogrossense, Fundação Cultural, Cuiabá, MT;
1980 - 10 Anos de Criação da UFMT, mostra comemorativa, Cuiabá, MT;
1980 – Coletiva Aliança Francesa, Brasília, DF;
1983 – Eduardo Batista e Regina Pena, MACP, UFMT, Cuiabá, MT;
1983 – Coletiva Galeria de Artes do SESC, São Paulo, SP;
1984 - O Carnaval, Casa da Cultura, Cuiabá, MT;
1984 – I Salão Nacional de Artes Plásticas, Goiânia, GO;
1985 – III Salão Paulista de Arte Contemporânea, Fundação Bienal, SP;
1986 – Coletiva Fundação Alvares Penteado, São Paulo, SP;
1986 – Coletiva Fundação Cultural de Brasília, DF;
1987 – Salão Tríptico Matogossense, prêmio aquisição, Campo Grande, MS;
1987 – Levante Centro Oeste, Fundação Cultural de Brasília, DF;
1987 – VI Salão de Artes Plásticas de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS;
1989 – Momentos da República, MACP – UFMT, Cuiabá, MT;
1990 – Projeto Van Gogh, Murais Urbanos, Cuiabá, MT;
1991 - Arte Aqui é Mato, MACP, UFMT, Cuiabá, MT;
1991 - Arte Aqui é Mato, MASP, São Paulo, SP;
1991 - Arte Aqui é Mato, MAB, Brasília, DF;
1991 – I Mostra Arte Cultura SEBRAE/MT, Cuiabá, MT;
1993 – 40 Graus de Criação, I Mostra de Arte e Cultura SEBRAE, Brasília, DF;
1998 – XVII Salão Jovem Arte Mato-grossense, Cuiabá, MT;
1999 – XVIII Salão Jovem Arte Mato-grossense, Cuiabá, MT;
1999 – I Concurso de Pintura Mural do Programada Pintando Cuiabá, prêmio;
2000 – Projeto Grandeolhar, Terminal Rodoviário, Cuiabá, MT;
2001 – Projeto Grandeolhar 2, Mercado Municipal, Cuiabá, MT;
2003 – I Coletiva de Inverno, Pellegrim Galeria, Chapada dos Guimarães – MT;
2004 – II Mostra de Inverno, Pellegrim Galeria, Chapada dos Guimarães – MT;
2004- Mostra "Artistas do Centro Oeste" no 5º Festival de Inverno de Bonito;
2007 – Circuito Panorâmico, Galeria da SEC, Cuiabá - MT
2007 – Salão Jovem Arte, Prêmio, Galeria da SEC, Cuiabá – MT

INDIVIDUAIS:

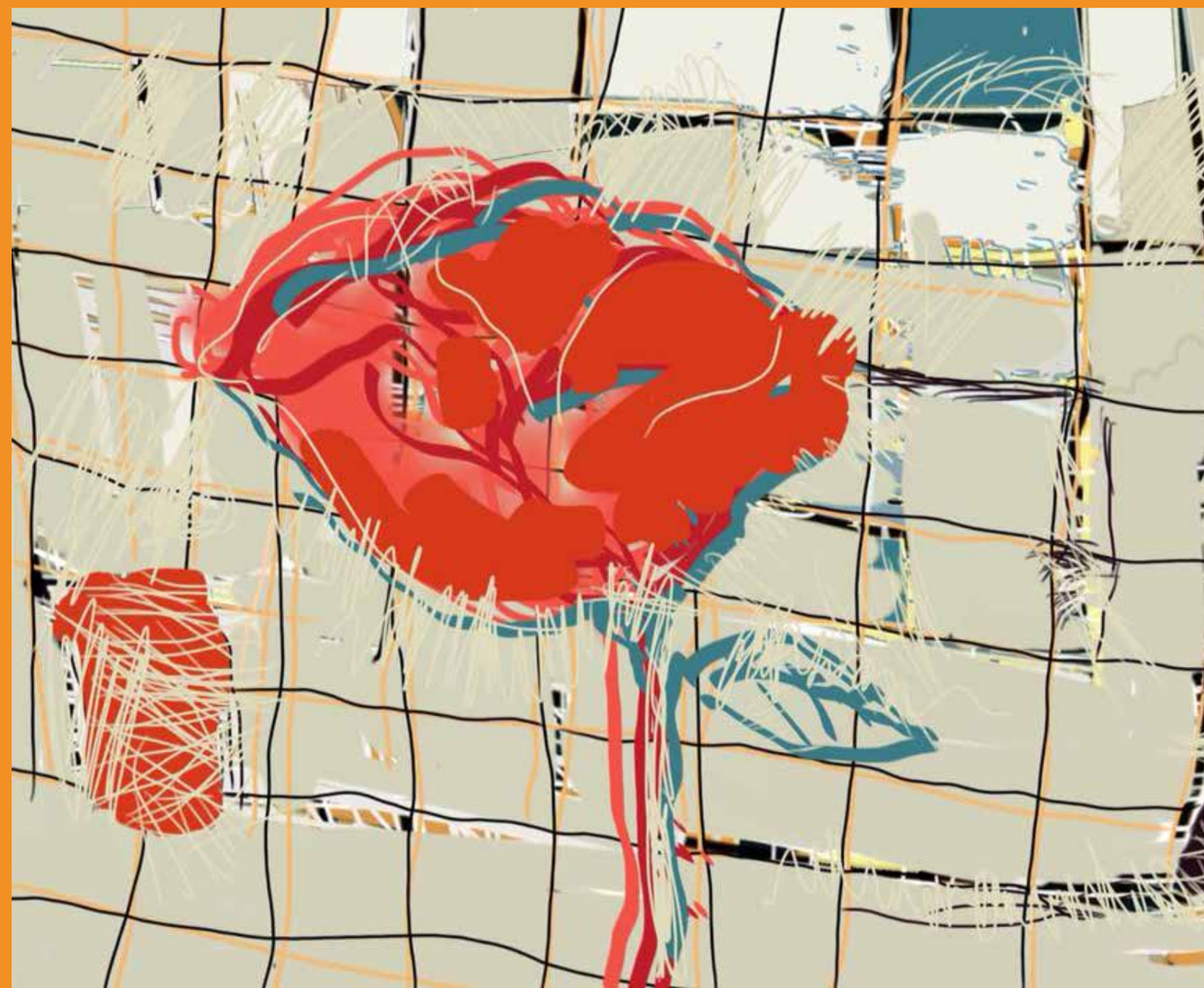
1988 - Fundação Júlio Campos, Várzea Grande, MT;
1999 - Vôos e Mergulhos, Moitará Sebrae Center, Cuiabá, MT;
2001 – Desinventando Coisas, MACP – UFMT, Cuiabá, MT;
2002 – Desinventando Coisas, Câmara dos Deputados, Brasília, DF;
2004 – Sinfonia de Cores, Pellegrim Galeria, Chapada dos Guimarães, MT;
2006 – Memórias Inventadas, Pellegrim Galeria, Chapada dos Guimarães, MT;
2006 – Memórias Inventadas, Secretaria Municipal de Cultura, Cuiabá, MT;
2019 - Metamorphosis, Sesc Arsenal, Cuiabá MT

ESCOLAS E MOVIMENTOS:

Figurativo: Realismo Socialista, Expressionismo, Neo-Expressionismo.

GÊNEROS E TENDÊNCIAS:

Paisagem, Composição Figurativa, Pintura de Gênero, Interiores, Assemblage.



COQUINHO

Gatos são animais majestosos. Parecem saber de sua prodigiosa natureza e vivem a 'brincar de esfinge'. Meus parentes felinos são como uma extensão familiar. A perda desses bichos de estimação é dolorosa.

Coquinho, por exemplo, entrou em minha casa há alguns anos. Já bem adulto. Surgiu no portão, chamei-o e ele veio se chegando com a docilidade dos siameses e seus olhos azuis. Não sei de onde veio. Apareceu e foi entrando. Ficando. Mostrando-se um bicho de boa índole sem radicalizar na questão da territorialidade.

Impôs uma convivência perfeitamente pacífica com os outros felinos que já habitavam minha casa. "Será que é macho ou fêmea?", indaguei-me quando chegou de mansinho. Olhei para suas partes recreativas e vi dois coquinhos. Ficou-lhe o nome na hora.

Já chegou velhão e já faz um ou dois anos que se torna cada vez mais 'pepé'. Fica em locais estratégicos da casa como se fosse um bicho empalhado. Nem o pelo farto esconde mais sua magreza. Anda meio surdo e quando dorme, parece que treina para morrer. Às vezes deita-se próximo e de frente para a parede, como as crianças ficavam de castigo antigamente.

Tenho dois bichinhos bakairi de madeira em casa – uma tartaruga e uma paca (ou filhote de anta, sei lá) – que de vez em quando coloco perto de Coquinho, só pra ele ter companhia. Coquinho, nos últimos dias, parecia se aproximar mais e mais do seu encontro marcado com a indesejada.

No último sábado a ressaca me obrigou a ir até a farmácia. Era um dia de neosaldina. Chego ao portão e, na calçada em frente de casa, lá está um belo siamês endurecendo a mercê das moscas. "Porra Coquinho, tinha que morrer justamente neste sábado de dor de cabeça?", sentencio. Mas, respeito os bichos de estimação e ritualizo a partida deles.

Voltei até a cozinha e peguei um saco de lixo preto. Fúnebre. Acomodei Coquinho nele e torei para as cercanias do cerrado próximas ao meu periférico bairro. Numa quebrada, com o coração, além da cabeça, me doendo, deposito Coquinho e cubro-o com pedras. Nenhuma lágrima me sobrou. Só tristeza cinza. Cinza é também um pouco a cor dos siameses.

Onze e trinta da manhã. Solão na cachola, finalizo a breve e solitária cerimônia da viagem de Coquinho. Passo na farmácia, compro minha neosaldina e tomo com coca-cola. A dor de cabeça já vai passar, mas Coquinho continuará doendo na sua ausência mais um tempinho. Aviso a mulher da morte de Coquinho, o que lhe provoca uma interjeição muda de sofrimento.

O filho acorda e deita-se na rede da varanda dos fundos. Também é informado que Coquinho já não está mais entre nós. Há um silêncio vazio na casa. Coquinho era gente boa, não enchia o saco de ninguém.

"Êeee pai,... mentiroso!", diz o filho, sem motivo aparente. "Olha o Coquinho aqui". E revejo Coquinho pescando pedacitos de ração no prato dos gatos. A tristeza recente foi-se embora e minha cabeça também já não dói.

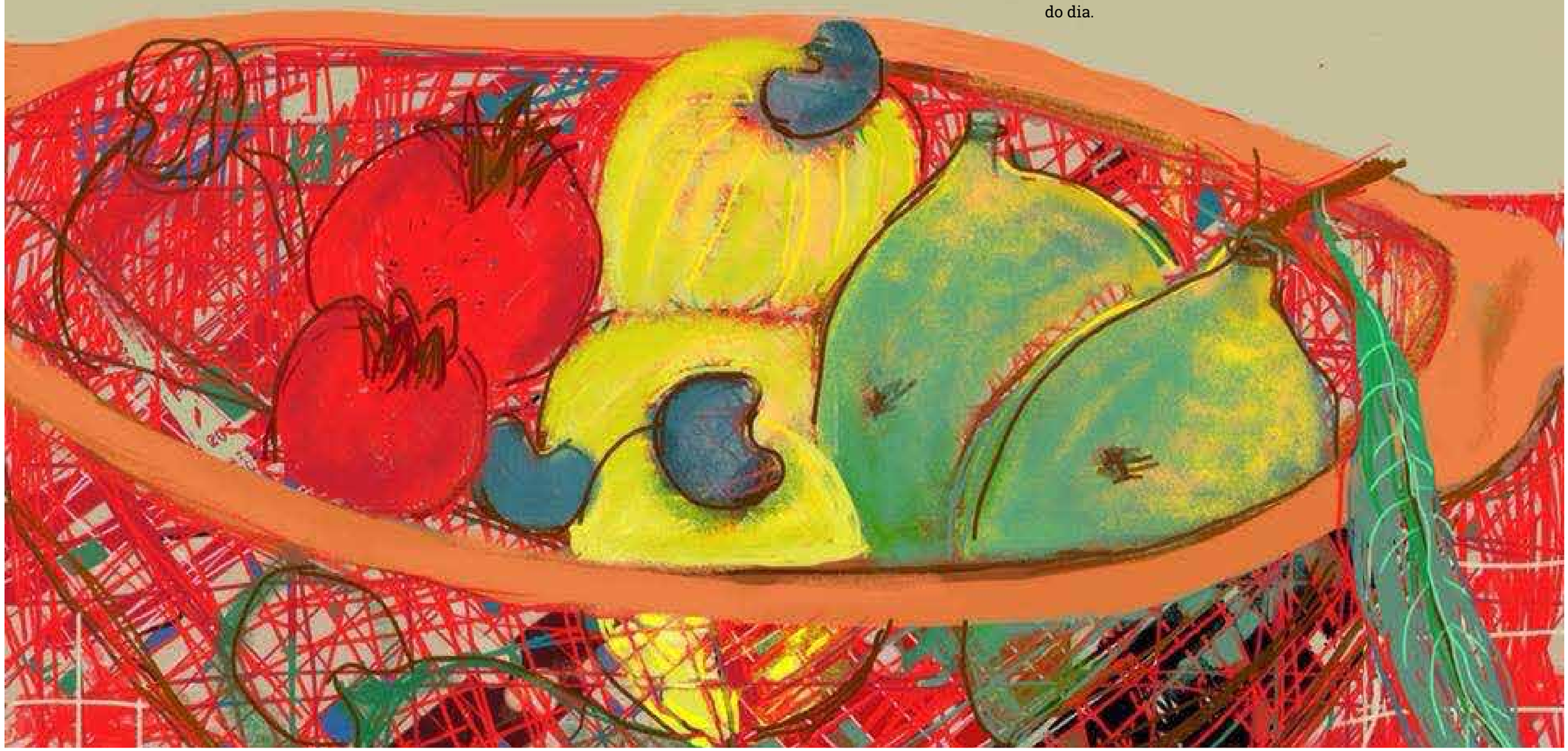
Coquinho continua andando furtivamente pela casa, que nem um fantasma esquálido. 'Pepé' toda vida. Coquinho vai morrer, eu sei.

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

As extensas mãos da noite
que me penetraram
e lavaram minhas feridas

Atravessaram estrelas e penduradas num arco-íris
chegaram nesta terra que agora me acolhe.
ventre úmido e quente
de maternidade
quase eternidade
na qual me mexo e reconheço agora
que é chegada a iguaria
do dia.



EU AMO ERRADO

Amo pelo avesso.
Amo pelo contrário.
Amo na contra-mão

No contra-peito
No contra-senso
Nu.
Contra-tudo-e-todos.

Amo (des)errando
Amo desterrando.

Amo (des)armando
Amo desalmado.

Amo.

Sem rima, sem métrica, sem poética.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

O VALOR DO TEMPO

Aos quarenta fiz minha primeira tatuagem
Prestaram-me uma homenagem
aos cinquenta,
Mas, beirando os sessenta,
Sinto-me ainda melhor!
Faltam-me peças, decerto,
Um dos seios perdi para um câncer,
O útero se foi antes de mim
E a vesícula o seguiu.
Homessa!
Nada que me impeça!
Sobra-me coragem,
Saltos altos e pêlo na venta.
Aos quase sessenta,
Recuso-me a fenecer.
Finalmente consegui,
Tornei-me a mulher que sempre,
Sempre persegui!

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

CÂNCER

Conto proibido para neuróticos

- Boa noite senhor, boa noite senhora. Já escolheram?
- Vou querer esse Capeletti in Brodo e uma taça de Valpolicella.
- Ótima escolha senhora. E para o senhor?
- Estou com muito receio desse menu, não consigo escolher. O que você sugere?
- Temos ótimos pratos com macarrão, como o Capeletti que a sua esposa pediu.
- Nem pensar. Trigo é uma bomba. Viu o caso do homem que morreu depois de comer macarrão?
- Que tal uma carne de cordeiro?
- Com papelão ou sem? Não confio. Um conhecido comeu uma carne mal passada, tinha uma bactéria que subiu para o cérebro e ele morreu.
- Temos uma lasanha magnífica aqui na página seguinte...
- Lasanha vai leite, tô cansado de ver notícia de leite adulterado com soda cáustica, com solvente de tinta com isso, com aquilo. O leite normal já é cheio de sangue e pus...
- Um arroz à grega, que tal?
- Sabia que a forma como o arroz é cozinhado pode matar, por causa do arsênico?
- Batata rústica?
- Câncer.
- Eu sugiro então um prato mais leve, uma torrada com foie gras?
- Torrada? Puro câncer.
- Pode ser pão normal então?
- Diabetes e câncer.
- Um doce light, tipo pudim...
- Você quer me ver fazendo ponte de safena três vezes por semana?
- Vamos para as frutas então, quem sabe uma manga com calda carameli...
- “Estudante de 12 anos morre após comer manga”. Notícia do G1.

- Banana?
- Dá prisão de ventre.
- Maçã...
- Muito açúcar, agrava a gastrite.
- Um caldinho de feijão...
- Humm, dá gases. Mas acho que vou abrir uma exceção.
- Ótimo!
- Espera aí, tenho como acompanhar o preparo na cozinha?
- Não, senhor, lamento, mas somente os funcionários podem ficar na cozinha.
- Mas como vou atestar a qualidade? E se cuspirem? Viu a notícia do rapaz daquele fastfood que passava o pênis nos lanches? Da moça que jogava a comida no chão e colocava no prato de novo? Da chinesa que enfiava agulhas dentro dos morangos colhidos e teve gente que até morreu ao comer?
- Entendo a sua preocupação senhor, é que são regras da casa. Que tal escolhermos sua bebida primeiro?
- Perfeito. Mas nada de refrigerantes, ou devo chamar de câncer em lata?
- Sem problemas. Vai acompanhar sua esposa na bebida? Temos excelentes drinks.
- Nunca. Não querendo colocar em dúvida o restaurante, mas recentemente a Polícia desbaratou uma quadrilha que falsificava bebidas e vendia no Brasil inteiro. Uísques caríssimos em restaurantes e casas noturnas renomadas eram puro xarope cheio de substâncias tóxicas. Não sei como ninguém morreu ainda. Na Grécia, você viu? A menina comprou um drink numa rave de uma ilha paradisíaca e agora está cega.
- Sim, sim, mas acho que suco de laranja não tem erro!
- Faz mal para os rins e agrava o diabetes. O recomendado é comer a laranja, mas não fazer suco.
- Limão então?
- É, pode ser. Abaixa a pressão um pouco, mas é o que temos né?
- Com açúcar ou adoçante?
- Você quis dizer “com câncer ou com mais câncer”, não é?.
- Sem nada então. Sem problemas.
- Isso... se bem que sem nada vai ficar muito azedo. Vou ficar só com a água mesmo.

Garçom traz a água. Ele vai até o carro, liga o fogareiro portátil, coloca o líquido na panela, ferve, joga na caixa térmica cheia de gelo e, após dez minutos, devolve a água para o frasco e volta à mesa.

A taça d’agua é erguida de um lado, o vinho do outro. Os recipientes sutilmente se tocam.

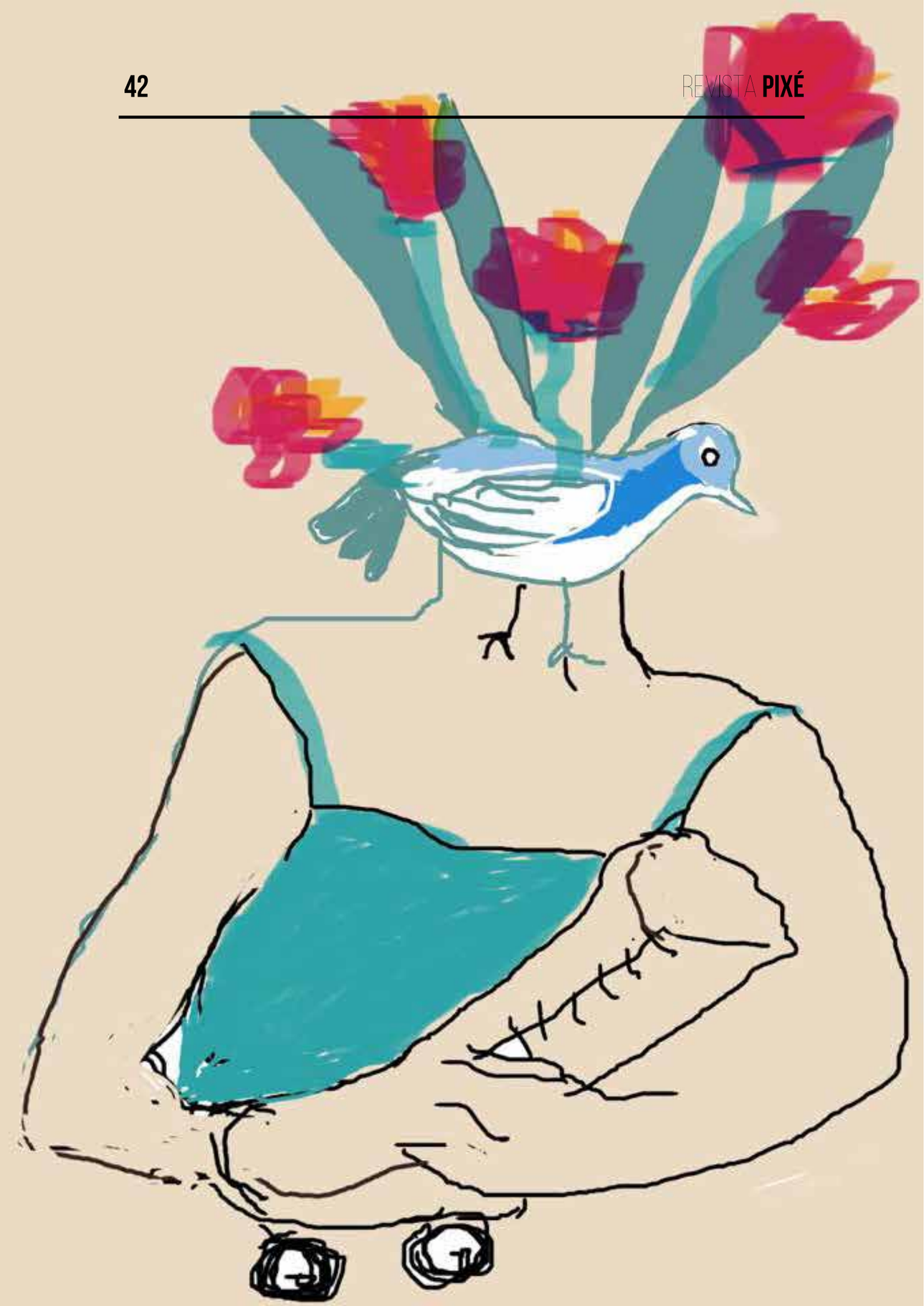
- Saúde!, diz ele, com um largo sorriso de satisfação, antes de inundar os 30 kg de seu corpo com a água potável.

Lucas Rodrigues
É jornalista. Coordena o Jornalismo do Governo de Mato Grosso e é autor do livro “Pirotecnia”. Gaúcho de criação, só virou gente mesmo (ou quase isso) em Cuiabá, onde mora desde 2011. Ainda não sabe se o que escreve é crônica, conto ou uma mistura desarmônica dos dois.

AS PALAVRAS ERRANTES DAS MULHERES POETAS

Nossas palavras andam... andam...
podem ir à lugares sagrados
ou a lugares profanos...
Podem visitar terrenos férteis
onde arrancam as raízes suculentas da memória e se fartam delas...
Podem ir às suas instâncias sombrias
para conversar com os fantasmas e demônios do tempo...
podem repousar em olhares ou lábios ardentes dos desejos...
Podem ir à lugar nenhum...
podem ficar numa rede armada à sombra de uma árvore para poder sonhar
e confabular com a brisa que lhe traz
segredos de lugares longínquos do mundo...
Até que então, ao caminharem por aí errantes,
alguém as descubra como a poética-seiva dos mistérios
e se alimenta delas...
As palavras errantes das mulheres-poetas andam com o vento...

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.



Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

o andarilho disse
oi: e ao vento se foi
segurando o chapéu

...

lâmpada acesa
no fundo do bar: a mesa
de bilhar às moscas

...

manhã. seis palavras
no tuíter: um bem-te-vi
na antena da sky...

...

asfalto em penumbra:
à toa, um rato
aprecia a bruma

...

monalisa se insinua
na tela do celular
viraliza: nua

...

monalisa se insinua
na tela do celular
viraliza: nua

...

cartas ao vento...
os jogadores de truco
dispersos na praça

a luz embaça
procuro-a da janela:
luar de condomínio

...

noite no garimpo
céu tod'estrelado na
lona do barraco

...

a menina corre
ao ver a flor na calçada:
voa a borboleta

...

réstia de sol - doura
a última foto do ano,
já salva em sépia

...

escrevo: chove.
de chofre, as folhas túrgidas
no meu caderno

...

janela de hotel -
um espião por trás da
cortina de chuva

...

sobe sonolenta
a fumaça de café -
desjejum na praça

completo blecaute:
o silêncio repercute...
eis a lua, desfrute!

...

longa espera -
a galera se aglomera
no grito de gol

...

uma flor roxa
cai na coxa da moça -
à sombra do ipê

...

vestida de longo
chega a visita. de longe,
a vista embaça

...

as mangas maduram
com requinte. no quintal,
vem outro pedinte

...

lição. em silêncio,
a professora arrasta
a perna lesionada

Rodrigo Maciel Meloni
Jornalista, ativista gay e estudioso da comunicação de massa, o escritor que já teve contos publicados em diversos blogs, sites mato-grossenses e nacionais, se aventura na publicação de seu livro de estreia: Coitado do homem cujos desejos dependem. Estudioso do underground cuiabano e aficionado pelas manifestações artísticas, já colaborou com diversos compositores de bandas do submundo cultural, assessorou festivais de cinema e exposições e colabora, sempre que pode, com a destruição do status quo.

FRAÜLEIN

-Ontem eu morri 13 vezes, minha irmã...

- Não conte seus sonhos, eles podem ouvir. Veja, estão todos com os dentes sedentos por um pedaço de sua pizza suada de costa a costa.

- Proteja-me.

- Protejo-te.

As duas irmãs, uma maratonista e uma fräulein, discutiam o sabor dos ventos, pisavam o mundo em pantufas de algodão doce e corriam pela única via asfaltada da pequena cidadela das 13 pessoas.

Mas uma delas tinha morrido?

Ninguém sabia ao certo, todos temiam uma resposta direta.

- Conte-me seus sonhos.

- Eles são côncavos.

- Devem ser lindos.

- São rendilhados, disso eu sei.

- Ontem eu sonhei com você 13 vezes, minha irmã. Caíamos de pernas cruzadas do 13º andar do único prédio em pé que se fazia ver naquela cidadela...

- Quem nos acompanhava?

- Éramos só nos dois.

- Caíamos com elegância?

- Imagino que sim. Você ainda sente as dores?

- Sinto os sabores.

Reminiscências estão sempre a acompanhar àqueles que se atrevem a sonhar com os olhos abertos. Aquele que quer um pouco mais do que o céu, a terra e a alma... aquele que almeja o sucesso... aquele...

FADE

- Você me contou segredos durante o sono?

- Te contei amenidades. Coisas sobre árvores ululantes, montanhas mágicas pensadas por Mann, coisas poucas...

- Promete me proteger da pomba estúpida que vive a sujar nossos poleiros?

- Dela e de seu criador, aquele velho ranzinza que vive a derrubar aviões e a criar desastres para que os ignorantes acreditem nele.

- Graças a natureza eu acredito nas suas promessas.

- Beije-me a palma da testa.

- Beijo-te a alma, minha grande irmã.

As duas irmãs se davam as mãos porque eram duas irmãs. Se fossem três, a natureza as espancaria. Três irmãs nunca devem andar de mãos dadas. É a lei.

- Percebes que somos agora 12, antes 13?

- O que o futuro nos reserva?

- Uma quiromante, penso eu.

- Minha alma está um tanto seca, penso em parir uma cachoeira.

- Peçamos a mamãe permissão?

- Mamãe está morta. Mamãe morreu. Mamãe é um cadáver de útero seco.

- Ainda bem que temos um pai, ou não temos?

- Não sejas otimista...

O otimismo tirou-lhes as lentes e os tímpanos.

Só lhes sobraram a distância da pomba estúpida, que nem pomba era, era um artifício religioso.

Fräulein e maratona eram felizes. Comiam pizza, caíam de pernas cruzadas, atiravam em pombas da paz e tinham a mãe morta e o pai ausente.

Desta vez elas dormiram felizes, e puderam sonhar seus sonhos côncavos.

O OPOSTO DO CONTRÁRIO

Às vezes minto tanto que chego a dizer verdades.

Mas não se engane: quando falo verdades, minto melhor ainda.

Troco de corpo sem sair de dentro do que me foi dado pelo cosmo.

Chamo pai de mãe, e mãe de papaya.

Tropeço no ar, e faço fita com pássaros imaginários (eles também são uma mentira leve e pesada, depende do bater das asas).

Como mentiras bavarosie, despejo verdades chantilly.

Mentiras e verdades, o que são senão a mesma coisa, dita e redita por poetas e cientistas séculos após séculos?

Só para constar: esse texto é uma grande mentira. Dessas que foi escrita de verdade.

AMOR?

Amar é coisa de idiota
De macrobiota
De patriota
Gaivota, gaiota
De poliglota
Maneta, manota
De beijo, bicota
E eu não sou nada disso
Amar é uma estupidez
Uma gravidez
Uma inlucidez
Uma insensatez
Um avestruz
Uma sordidez
E eu não compactuo com isso
Amor é uma barbaridade
Uma calamidade
Uma peculiar peculiaridade
Uma alcatéia
Uma adversidade
É coisa sei lá, da terceira idade
Uma boemia, uma vaidade
Prefiro mesmo é noite de lua cheia na grande cidade
Um vinho tinto, ou branco
A felicidade
O riso torto
A diversidade
Qualquer coisa mais amena
Que engrandeça essa minha helena
Adormecida dentro de mim.

ESSÊNCIA

Somos um amontoado de coisas velhas e usadas
Risos que ecoam pra sempre
Lágrimas que banham os rios do mundo
Histórias antigas
Medos coerentes e outros nem tão coerentes assim
E no fim uma camada tênue do que realmente somos
Pó
Pó de pirlimpimpim.

Helena Werneck
Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título “Nu”.

João Bosquo Cartola
Poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT, mora e trabalha em Cuiabá. Como jornalista atuou nos jornais O Estado de Mato Grosso, A Gazeta (Cuiabá), em 2001 editou o semanário A Notícia (de Cáceres); presidente do Sindicato dos Jornalistas (1995-1998) e desde 2002 trabalha como assessor de imprensa, até janeiro de 2015, como repórter da Secom/MT, entre 2015 e 2017 volta à redação como repórter do *DC Ilustrado*, caderno de cultura do jornal Diário de Cuiabá, atualmente trabalha como freelancer. Morou em Curitiba, onde publicou o livro *Abaixo-Assinado* (1977) em parceria com L. E. Fachin. Em Cuiabá novamente, os livros *Sinais Antigos* (1981), *Outros Poemas* (1984), *Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol* (2006) e *Imitações de Soneto* (2015). Participou das antologias *Abertura* (1976), *Panorama da Atual Poesia Cuiabana* (1986), *A Nova Poesia de Mato Grosso* (1986) e *Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas* (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo *NAMARRA* (1984/86) e coordenou o projeto *POETAS VIVOS* (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

MINHAS OFERTAS SÃO POSTAS DE PEIXE

Minhas ofertas estão postas na mesa
São palavras escritas sob o papel branco
Palavras que se colam a outras tantas
E não calam nas tintas da caneta imprecisa...

O poeta nunca se manifesta completo
Sempre pula um ou dois versos, sílabas
Até mesmo estrofes inteiras do poema
Quando se concretiza é final do dia-a-dia

No correr do dia há também o correr
Das correntes do rio que navegam no olhar
De um olhar de quem sonha sem piscar

Minhas ofertas, confesso, são postas
Pequenas postas de peixe frito
Retiradas do imenso Pantanal que sonho.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

TALENSU, ORIGEM DO NAMBIQUARA

Os índios da etnia Nambiquara, localizados em Terras Indígenas a Oeste de Mato Grosso, creem que, na idade mítica, habitavam o interior de uma grande montanha de pedra, **Talensu**. A narrativa indica que uma intempérie da natureza, ocasionada pela interferência de **Waluru**, um espírito malfeitor, provocou uma grande inundação, quando as águas de tantos rios se juntaram, destruindo o mundo.

Depois de um tempo, o sol, **iraladndekisu**, e a lua, **ilakisu**, reapareceram, mas já não existiam seres humanos, somente animais. No interior de uma pedra, incólume ao dilúvio, de formato semelhante a um urubu de chifre, conforme associam os índios, passou a viver o povo Nambiquara. Ali eram vividas a alegria, a saúde, a beleza, a eternidade. Do lado de fora, pássaros, mamíferos, répteis, insetos e outras espécies de seres vivos grassavam nos campos e matas. Bem próximas à montanha, expressões eram manifestadas em algaravia e ouvidas pelo macaco japuçá, **hosxasitisu**, também conhecido por guigó, zogue-zogue ou sauá, hábil saltador que raramente desce ao solo e possui uma vocalização característica que permite sua rápida localização no ambiente.

Muito curioso, o macaco passava a maior parte do tempo a esperar que alguém resolvesse sair. Sol a sol, ali permaneceu de modo que a pelagem de seu lombo ficou avermelhada. Sem obter sucesso, pediu à cutia para roer a pedra com seus dentes afiados, que não resistiram à sua solidez. Chamou a anta que tentou, inutilmente, quebrá-la. Chegou o tatu canastra que com a aspereza de seu casco tentou lixá-la, mas saiu ferido. O urubu, em vão, deu voos em direção à montanha para perfurá-la com seu bico.

Ante a desistência dos companheiros, a andorinha-da-mata se aproximou daquele alvoroço para ver o que estava acontecendo. Também curiosa em saber quem estava dentro da pedra, tomou à frente, com uma lança. Os animais que ali estavam resolveram se afastar um pouco, receosos do resultado. Voou longe, longe para pegar embalo e obter grande velocidade. Para surpresa daqueles que estavam do lado de fora, pessoas saíram do interior da pedra, rachada em duas partes, bem no centro. A andorinha da mata retirou um casal e apontou-lhe um lugar para morar, constituir família; chamou outro casal e encaminhou-o para outra direção. E fez assim com muitos casais...

Talensu, na concepção dos índios, não se encontra no passado. Está lá e está aqui. Faz parte de uma concepção mítica de um tempo não localizável e que se acha ainda no presente. Acreditam que até hoje existe gentes no interior da pedra e que o pajé, **wanintesu**, em visitas esporádicas à montanha, consegue vê-las e escutar suas vozes.

Assim, graças à curiosidade do macaco japuçá, **hosxasitisu**, muitos índios passaram a ocupar áreas distintas dos campos cerrados, o que levou ao surgimento de diversas pequenas aldeias.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA